



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA-UEPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO- CEDUC
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA-DG
CURSO LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

JHONATAN ALISSON DE ASSIS

PARAÍSO DOS HOMENS: Da estrutura familiar patriarcal à desconstrução do discurso pejorativo

**CAMPINA GRANDE-PB
2018**

JHONATAN ALISSON DE ASSIS

PARAÍSO DOS HOMENS: Da estrutura familiar patriarcal à desconstrução do discurso pejorativo

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Geografia na Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para a obtenção do título de Licenciado Pleno em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Agnaldo Barbosa dos Santos

**CAMPINA GRANDE- PB
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A848p Assis, Jhonatan Alisson de.
Paraíso dos homens [manuscrito] : Da estrutura familiar patriarcal à desconstrução do discurso pejorativo / Jhonatan Alisson de Assis. - 2018.
36 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.
"Orientação : Prof. Dr. Agnaldo Barbosa dos Santos, Coordenação do Curso de Geografia - CH."
1. Espaço sociocultural. 2. Base familiar. 3. Produção espacial. I. Título

21. ed. CDD 711

JHONATAN ALISSON DE ASSIS

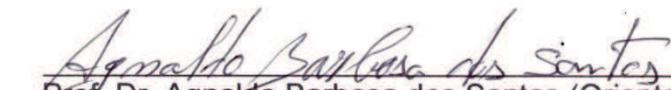
PARAÍSO DOS HOMENS: Da estrutura familiar patriarcal à desconstrução do discurso pejorativo

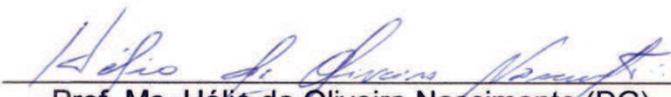
Artigo apresentado no curso de Geografia na Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura Plena em Geografia.

Área de concentração

Aprovada em: 20/06/2018.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Agnaldo Barbosa dos Santos (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba Campus I (UEPB)


Prof. Ms. Hélio de Oliveira Nascimento (DG)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
Examinador


Prof.^a Dr.^a Joana D'Arc Ferreira (DG)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
Examinador

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	06
2	A DIMENSÃO DAS CATEGORIAS GEOGRÁFICAS: formação histórica e geográfica de Serrinha e a elevação à município de Juripiranga-PB.....	08
3	DA FORMAÇÃO HISTORIOGRÁFICA DA COMUNIDADE DE SERRINHA À ELEVAÇÃO A MUNICÍPIO DE JURUPIRANGA-PB.....	12
4	PRODUÇÃO, COMERCIALIZAÇÃO DO CHAPÉU DE PALHA E A ESTRUTURA FAMILIAR PATRIARCAL.....	14
4.1.	A territorialização e a dependência da atividade açucareira em Juripiranga-PB.....	14
4.2.	o apogeu da produção do chapéu de palha, e o surgimento do Paraíso dos Homens e dos discursos pejorativos.....	17
4.3.	A desconstrução do discurso pejorativo.....	22
5	JURUPIRANGA-PB PARAISO DOS HOMENS: LINGUAGEM, DISCURSO E ANÁLISE.....	23
5.1.	Analogia dos entrevistados sobre as antigas funções da cultura do chapéu de palha do espaço pesquisado.....	23
5.2.	Uma análise econômica e investigativa sobre: a população ocupada no município de Juripiranga-PB.....	28
6	CONCLUSÃO.....	32
	REFERÊNCIAS	34
	APÊNDICE A – MODELO DE QUESTIONÁRIO.....	36
	APÊNDICE B – MODELO DE ENTREVISTA.....	37

RESUMO

ASSIS, Jhonatan Alisson de. **JURIPIRANGA-PB PARAÍSO DOS HOMENS: Da estrutura familiar patriarcal à desconstrução do discurso pejorativo.** Artigo (Graduando em Licenciatura Plena em Geografia – CEDUC - UEPB) – Campina Grande-PB, 2018

Os movimentos de mudanças sociais no decorrer da história refletem na realidade do espaço sociocultural, ocasionando problemas urbanos, que atingem principalmente as classes menos favorecidas. Este trabalho tem como objeto de estudo o Paraíso dos Homens, no domínio dos aspectos de maior influência do possível rompimento da estrutura familiar patriarcal em Juripiranga-PB, ressaltando qual dos elementos têm relevância na desconstrução do discurso pejorativo. A investigação, de caráter exploratório, realizou a coleta de materiais, através de contatos com pessoas que vivenciaram o momento no espaço pesquisado, através de entrevistas, foi realizada uma pesquisa bibliográfica na busca de acobertar uma construção teórica e observação in loco, realizou a coleta de materiais. Esta coleta auxiliou a análise que explicitou o fenômeno do município e, a relação entre a produção espacial e o impacto local, o que subsidiou as respostas às questões da pesquisa, através dos objetivos constituídos: explicar o fenômeno das atividades econômicas realizadas pelas famílias durante acontecimentos dos anos 60; avaliar a importância e repercussão na quebra das convenções sociais do homem provedor de uma estrutura familiar patriarcal; compreender a base familiar, como agentes sociais que permitiram o desenrolar dos fatos; desconstruir o mito do homem preguiçoso através da análise das contradições vivenciadas no município, com as observações de como o fenômeno ocorreu e está descrito em determinadas períodos do ano e investigar materiais empíricos e históricos, e a estreita relação sociocultural do contexto das atividades do município sobre o tema estudado, norteia-se na tentativa de contradizer o peso pejorativo do fato e buscar expor os fatos reais.

Palavras-Chave: Espaço sociocultural; Produção Espacial; Base Familiar.

1 INTRODUÇÃO

Na década de 1960, o município de Juripiranga possuía a sua economia focada principalmente em atividades rurais e artesanais. Nesse período, a mulher tem grande notoriedade e torna-se, devido aos diversos fatores ocorrentes, figura importante na dinâmica econômica do município. Comumente, a estrutura familiar patriarcal sempre foi o normal em qualquer lugar do mundo, em qualquer cultura. Contudo, no município localizado na Mesorregião da Mata Paraibana, nas análises dos viajantes que transitavam pelo lugar, essa estrutura é rompida. Assim como os

pequenos municípios interioranos, Juripiranga tem sua economia pouco diversificada, a atividade açucareira é quem sustenta a região e opera como vetor de empregos.

As usinas localizadas na região são as grandes detentoras das terras e principais geradoras de empregos. O período da safra (moagem) possui duração aproximada de seis meses e nesse período, os homens eram admitidos e conseguiam facilmente desempenhar o seu papel de principal gerador de renda de suas famílias. Nos seis meses seguintes, com o fim do período de produção, os homens eram demitidos, o que gerava insatisfação e desequilíbrio econômico. Vale ressaltar que na época (década de 60), não havia o cumprimento das leis trabalhistas de modo que assegurasse algum aparo para esses trabalhadores. O período em que a safra da Usina terminava coincidia com o período de estiagem, o que impossibilitava a execução da agricultura familiar.

Contextualizando os elementos culturais do município, a confecção de utensílios de palha pelas mulheres, configurava uma atividade que servia como renda extra para as famílias. Diante da situação econômica nas entressafras, as munícipes passaram a auxiliar a economia familiar com destaque, através da prática de produção artesanal. Esse acontecimento passou a causar estranheza nos viajantes e apresentar desconforto para o homem e a mulher local. A cidade é rota entre Campina Grande e Recife e os diversos viajantes passaram a menosprezar os habitantes locais com deboches e xingamentos. O homem era visto como vagabundo e beberrão e as mulheres atingidas pelos discursos machistas e excludentes. Dentre as nomeações dadas destaca-se a frase “Serrinha: o paraíso dos homens e o inferno das mulheres”. Serrinha era o antigo nome do município.

Os moradores da cidade, por consequência, rebatiam as provocações com violência. A situação foi agravada quando alguns homens passaram a confeccionar utensílios de palha, apesar de considerada uma atividade tipicamente feminina, herança da cultura indígena. Ao longo deste trabalho científico, será abordado essa situação curiosa no município de Juripiranga, analisando dados econômicos e sociais na tentativa de desconstruir o discurso propagado no Paraíso dos Homens e respondendo a seguinte questão: o discurso de ódio, propagado no município, do

homem ocioso e da mulher explorada ou insubmissa é condizente com os dados apresentados ou é fruto de uma sociedade machista e excludente?

A pesquisa se divide em três partes: na primeira, trataremos a categoria geográfica espaço, território e lugar, dando ênfase à formação da comunidade de Serrinha e sua elevação ao município de Juripiranga-PB, na segunda, uma abordagem sobre a territorialização da atividade açucareira e o apogeu da cultura do chapéu de palha, bem como o surgimento do Paraíso dos Homens e dos discursos pejorativos, na terceira, serão analisados os dados econômicos e sociais, da década de 1960, durante o Paraíso dos Homens, e da atualidade, de modo que desconstruam o discurso excludente propagado no município ou não. E por fim, os aspectos finais, onde apresentaremos as conclusões relacionadas às pesquisas que foram realizadas.

2 A DIMENSÃO DAS CATEGORIAS GEOGRÁFICAS: a formação histórica e geográfica de Serrinha e a elevação à município de Juripiranga-PB

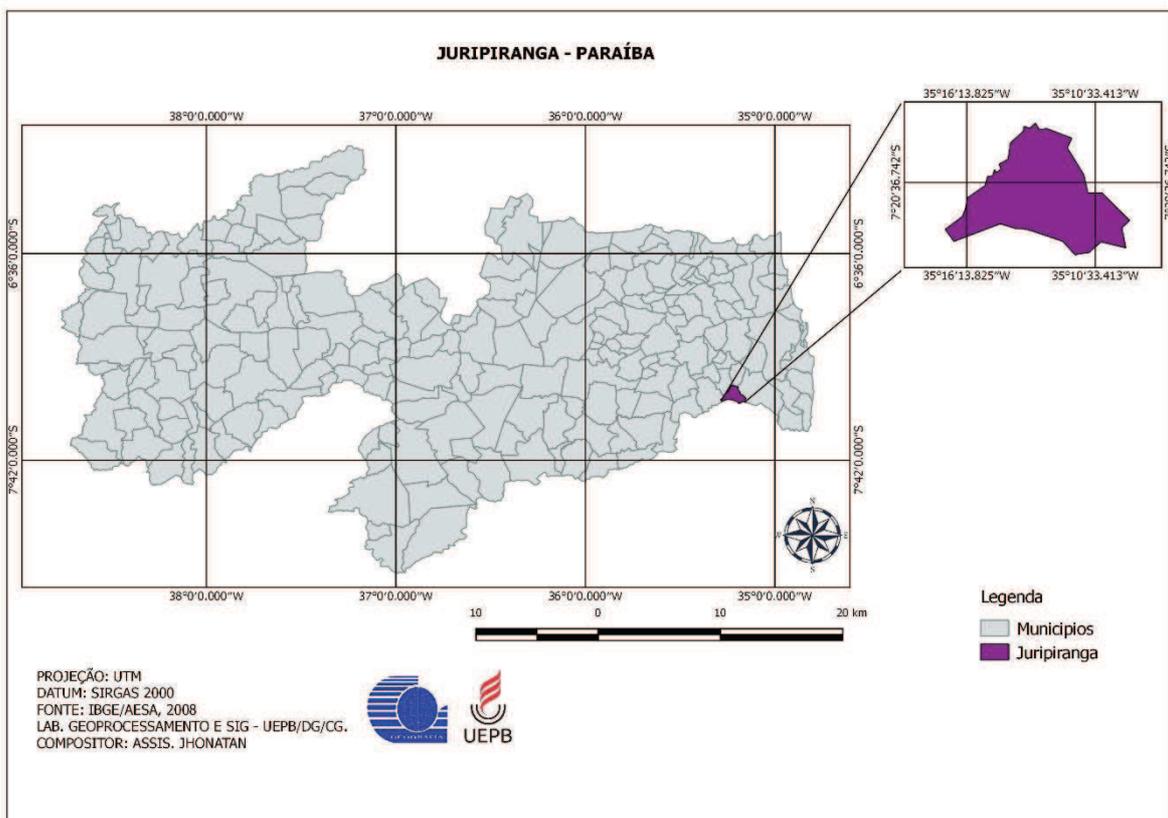
O diagnóstico geográfico nesse estudo, está centrado nas categorias geográficas: espaço, território, região e lugar. Ambos se manifestam de diferentes aspectos. São constituintes nos modos de vida da população, na organização sócios espaciais que limitam o campo de ações dos diferentes agentes no processo de regulações da produção. A produção do espaço é inseparável à produção em sentidos amplos a realização da sobrevivência das sociedades no movimento de sua reprodução. Por meio da necessária espacialidade que têm, implicando localizações fixas, de longa e curta permanência, de meios diversos de comunicar valores, crenças, utopias e afirmar poder daqueles que os construíram. Na medida em que se discute a realidade das relações através de uma nova formação de espaço, território, região e lugar, o decurso teórico a ser delineado rege a elaboração de um conceito. Santos (1988 p 10) esclarece que:

O espaço deve ser considerado com um conjunto indissociável de que participam de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, seja a sociedade em movimento.

Nesse contexto se pode incluir a importância que confirma o espaço para

admissão das demais categorias. Buscar como se tem dado a formação do território, lugar e a organização espacial de Juripiranga-PB, num ponto de vista conceitual, em que a construção social por sua vez é intrínseca da sua territorialidade, sabe-se que a paisagem urbanística da cidade tem sido alterada em função da limitação dos lugares (territórios-lugares), originando uma apropriação do espaço. Ainda Santos (2006, p.86) lembra que: “[...] o espaço como um todo reúne todas essas formas locais de funcionalização e objetivação da totalidade”.

Figura 01: Mapa da localização do município de Juripiranga-PB.



Fonte: ASSIS. Jhonatan Alisson da. 2018

De acordo com o estudioso, as formas sociais resultam de forma direta quanto à ação dos sujeitos que ocupam e modelam um determinado espaço físico ou social, fica claro o resultado de que o homem constrói, reconstrói e molda um espaço conforme suas necessidades ou com os seus interesses. Assim, pode-se perceber o fato dos artesões de Juripiranga-PB que trabalhavam com a palha de carnaúba transformando-a no dia a dia em chapéus de palha, que atuavam em suas residências na cidade, em tempos passados, com seus produtos para o atendimento aos consumidores.

Nessa dimensão de conhecimento, como fora compreendido o espaço é social, destaca-se que o espaço preexiste independente dos fatores, da sociedade, o “espaço social” influenciado pelos fatos históricos num determinado lugar. Conforme Raffestin (1993) o espaço é delimitado e que adequa-se a materialização, da mesma forma a objetivação e a visibilidade da organização do próprio. Encontra-se em todas as demais categorias geográficas, sendo difícil o seu estudo por saber que ele é a morada do homem, o seu “lugar”, logo Santos (2008, p.150) lembra que:

[...] sua definição é árdua, porque a tendência é mudar com o processo histórico, uma vez que o espaço geográfico é também o espaço social [...], se os lugares podem esquematicamente permanecer os mesmos, as situações mudam. A história atribui funções diferentes ao mesmo lugar. O lugar é um conjunto de objetos que tem autonomia de existência pelas coisas que o formam”.

Esses acontecimentos no tecido da história podem-se fazer referência às observações de lugares caracterizados pela exclusividade relacional no agregado social que protege suas atividades socioculturais em lugares específicos como ocorre nos afazeres artesanais, e na produção do chapéu de palha, no município de Juripiranga-PB. Nessa expectativa, entende-se que lugar possa ser sólido ou simbólico, não importa o período, ele é resultado de uma construção. É temporal estabilizando movimentos, apesar de se utilizar dos procedimentos históricos para se definir e, por conseguinte das modificações do espaço, singularmente valoriza as relações em decorrência ao ambiente, está ligado ao espaço, porém é diferente dele.

A história e a cultura são fundamentais para o processo de formação, em conjunto com o cotidiano global, a compreensão da realidade através de lugar. Ainda Santos (1991, p.34) enfatiza que: “[...] quanto mais os lugares se mundializam, mais se tornam singulares e específicos, isto é, únicos”. Partindo desse pressuposto, compreende-se que a experiência e a vivência específica estão interligadas ao global sem desconsiderar a particularidade, em outras palavras a localidade.

No entanto se o espaço permanece o mesmo, as situações são diferentes e essa importância pode mudar a história e lhe atribuir novas funções. Essas características de multidimensionalidade e pluralidade do espaço oscilam e podem constituir, dessa forma, inúmeras configurações sociais e territoriais. Deste modo, discutindo a diversidade indenícia sobre espaço e lugar, permeia a realidade do território urbano, Raffestin (1993, p.144) afirma que:

[...] o território se apoia no espaço, mas não é o espaço. É uma produção, a partir do espaço. Ora, a produção, por causa de todas as relações que o envolve, se inscreve num campo de poder. Produzir uma representação do espaço, já é uma apropriação [...]"

Deste modo, o estudioso especifica a ligação das categorias, essa apropriação se dá simplesmente numa configuração de manifestação, de reprodução, onde o homem através de suas necessidades modifica o meio em que vive. Não foi diferente com a construção da organização territorial de Juripiranga-PB, que se formou através de um equilíbrio, isto é, uma constituição relacional entre objetos espacialmente distribuídos, essa produção advém desde sua origem até os dias atuais formando uma organização, Corrêa (2007, p 54) suscita essa forma organizacional ligada à categoria espacial: "É conveniente esclarecer que a expressão organização espacial possui, a nosso ver, vários sinônimos [...]"

Partindo desse pressuposto o território é definido como o espaço de um reconhecimento, onde os indivíduos se declaram como parte de alguma coisa. Pode-se considerar que o espaço seria um conjunto de lugares que tem existência em si, sendo independente de qualquer acontecimento, empregado no sentido de área. Entretanto, um dos objetos apontados da ciência geográfica, é o próprio espaço, porém, no que se refere a partir de uma análise dessa categoria de apropriações espaciais que permitem a edificação e a permanência através das práticas de produção de grupos ou agregados sociais diverso para entender a sociedade. Raffestin (1993, p.144) explicita que:

[...] é no território que se estabelecem as relações de poder, ou seja, o território é suporte e produto das ações dos atores sociais, que se apropriam do espaço e produzem sistemas sêmicos [...]", cujos limites são os do território. "Em graus diversos, em momentos diferentes e em lugares variados [...]"

Nesse contexto de interligações, a configuração comercial da confecção artesanal do chapéu de palha na própria feira de Juripiranga reflexa e comercia em geral em algumas cidades circunvizinhas, principalmente em mercado mais distantes como no mercado central do Recife-PE, João Pessoa e Campina Grande-PB, entre outros popularmente conhecidos, que se assemelham embora sejam diferentes, uma unidade ligada a outras unidades. O espaço, o território e lugar são construídos de

acordo com experiências, personalidades, envolvimento e traços típicos, refere-se à algo intrínseco, insubstituível.

3 DA FORMAÇÃO HISTORIOGRÁFICA DA COMUNIDADE DE SERRINHA À ELEVÇÃO A MUNICÍPIO DE JURUPIRANGA-PB

A grande maioria dos municípios não são planejados de modo antecedente, e aqueles formados a partir de um planejamento tendem a desviar dos mesmos. Nesse percurso histórico e geográfico resultou o modo de formação territorial do município de Juripiranga, antiga Serrinha, que engendraram mudanças na organização espacial e social, nos costumes de vida da sociedade juripiranguense. Como explica Corrêa (1986), as regiões muitas vezes são definidas estatisticamente e isso implica dizer que não se atribui as mesmas nenhuma base empírica prévia. As similaridades e divergências entre os lugares são definidas através da mensuração na qual se utilizam técnicas de reconhecimento das características peculiares de cada uma.

Foto 01: Ibiranga e Juripiranga – As duas áreas distritais que formam a comunidade de Serrinha



Fonte: MOTA, Diocendir Cordeiro da. 1967.

Juripiranga tem o seu início por volta de 1777, território pertencente ao município de Pilar-PB, torna-se morada da família Gomes Tavares. Encabeçada por Braz Gomes Tavares, se instalam na parte leste da cidade, lugar que futuramente passaria ser chamado de Serrinha de Baixo. Pouco tempo depois, a família Chagas também se instalou nas proximidades. No lugarejo foi construindo um “Cruzeiro”, que passou

a ser palco de festas religiosas, atraindo fieis e adquirindo enorme significância cultural. Inicia-se assim, a formação do atual município de Juripiranga, ressalta-se que na época não havia no lugar a distinção dos territórios dos Estados da Paraíba e Pernambuco, Serrinha representava ambos. Anos depois a família Ferreira, proveniente do sertão, se instala onde hoje está edificada a parte central da cidade de Juripiranga ao qual deram o nome de Serrinha de Cima.

Foto 02: festa religiosa no vilarejo de Serrinha



Fonte: MOTA, Diocendir Cordeiro da. 1967.

Na mesma época, várias famílias advindas da Mata Norte do Pernambuco se instalaram no lugarejo, proporcionando uma dinâmica de vila ao lugar. O grande apogeu migratório se dá pela introdução da produção de algodão, gerando emprego para as famílias locais. De acordo com Santos (1988, p.91): “Quando o homem tem força para modificar os aspectos do quadro natural, fazendo deste uma segunda natureza mais adaptada aos seus fins”. No exposto o estudioso esclarece, que o homem possui a capacidade de modificar a natureza para usufruir dela os recursos necessários a sua sobrevivência. O mesmo aconteceu em Serrinha com a introdução da atividade algodoeira que proporcionou um meio de sobrevivência para as famílias locais e a abertura para novas dinâmicas econômicas.

Além da produção algodoeira, a população local praticava a agricultura familiar de subsistência plantando feijão, arroz, batata, macaxeira etc. Essa atividade era a base alimentar das famílias, realizada principalmente nos períodos chuvosos. A terceira vertente econômica era a produção açucareira, praticada por alguns proprietários de terra e pelas grandes usinas, que atualmente é a principal fonte de renda da região. As famílias locais possuíam recursos do meio e através do trabalho físico conseguiam sobreviver. Contudo, apesar de possuir autonomia econômica, Serrinha, politicamente, dependia de Pilar e isso era um grande empecilho. A emancipação política do município ocorreu em 22 de dezembro de 1961, pela Lei nº 2.673, através do então prefeito de Pilar, Caio Correia de Araújo. O município passou a se chamar Juripiranga (ave que canta em tupi), com uma área de 122 km². O peso das atividades econômicas e estruturais da comunidade de Serrinha, bem como os interesses dos políticos locais garantiram a emancipação do território. A parte da antiga Serrinha localizada no Pernambuco continuou sendo distrito do município de Itambé-PE, e passou a se chamar Ibiranga, divisões e nomenclaturas que continuam até hoje.

A emancipação do município de Juripiranga coincide com o episódio do Paraíso dos homens, por isso torna-se importante a explanação breve da história do município. Na época mesmo já emancipada com o nome de Juripiranga, o lugar continuou, em sua maioria, a ser chamado de Serrinha, alguns moradores até hoje ainda chamam assim. Explanando a parte econômica, a desvalorização do algodão fez com que a produção açucareira dominasse a região e esse fator é crucial para o início e compreensão do Paraíso dos homens.

4 PRODUÇÃO, COMERCIALIZAÇÃO DO CHAPÉU DE PALHA E A ESTRUTURA FAMILIAR PATRIARCAL

4.1 A territorialização e a dependência da atividade açucareira em Juripiranga-PB

Juripiranga está localizada na Mata paraibana, fazendo divisa com a Mata Norte do Estado de Pernambuco, região dominada pela produção açucareira, produção essa que passa a ser intensamente cultural no município. “Até meados do século XVII, o Brasil foi o maior produtor mundial de açúcar” (GALEANO, 1971, p.43). E grande parte dessa produção ficou concentrada na região litoral do Nordeste. A

respeito da introdução da produção açucareira no Nordeste pode-se notar a sua influência e consequência no trecho a seguir. Ainda Galeano (1971, p.44) esclarece que:

A sociedade colonial brasileira, subproduto do açúcar, floresceu na Bahia e Pernambuco, até que o descobrimento do ouro transferiu seu núcleo central para Minas Gerais. O açúcar arrasou o Nordeste. A faixa úmida do litoral, bem regada por chuvas, tinha um solo de grande fertilidade, muito rico em húmus e sais minerais, coberto por matas tropicais da Bahia até o Ceará. Esta região de matas tropicais converteu-se, como diz Josué de Castro, em região de savanas. Naturalmente nascida para produzir alimentos, passou a ser uma região de fome. Onde tudo germinava com exuberante vigor, o latifúndio açucareiro, destrutivo e avassalador, deixaram rochas estéreis, solos lavados, terras erodidas.

A produção ininterrupta do açúcar no litoral do Nordeste mudou a vegetação local, empobreceu o solo e transformou a região naturalmente nascida para produzir alimentos em uma região de fome, centrada apenas na produção da cana. O mesmo ocorre em Juripiranga, o local que naturalmente possuía uma vegetação bem diversificada, com lagos e lagoas passa a ser dominado pela cana de açúcar. A população local que vivia da produção na agricultura não consegue suportar o avanço das terras da Usina Olho D'água. Muitos agricultores e fazendeiros são tentados a vender as suas terras para as usinas, e isso cria uma estrutura de um latifúndio único na região.

Foto 03: Latifúndio de cana de açúcar em Juripiranga-PB/Ibiranga-PE



Fonte: ASSIS. Jhonatan Alisson de. Pesquisa de campo - 11/06/2015.

Torna-se cultural a sobrevivência no município através da produção açucareira. A usina Central Olho D'água, passa a desempenhar o papel de empregos temporários para a região. A produção de açúcar passa a ser monopólio,

trabalhadores interinos que desempenhavam prestações de serviços no período da safra eram submetidos a condições subumanas, dispendo de um salário que sequer era suficiente para os gastos mínimos. Os trabalhadores viviam a mercê dos proprietários, recebendo salários muito abaixo da média regional e do que as leis trabalhistas os conferiam pelas realizações das atividades exercidas na “Usina”, pertencente ao “Grupo Tavares de Melo”, a única que realmente lucrava e de um lado materializava a produção.

Entretanto, é preciso ressaltar que, na sua fase inicial, as atividades açucareiras na cidade é algo “sui generis” para o entendimento do Paraíso dos homens. Como já foi mencionado, a expansão das terras da Usina Olho D’água e a produção do açúcar comprometeram as terras férteis utilizadas no passado para a agricultura, a produção do algodão já havia cessado no município e a confecção de utensílios de palha, desempenhada pelas mulheres, servia de atividade extra para as famílias. Portanto, trabalhar na Usina era o único serviço que o homem da cidade poderia desempenhar. Santos (1988, p. 88) afirma que:

O processo de trabalho exige um aprendizado prévio, o homem necessita aprender a natureza a fim de apreendê-la. Quando apreende, aprende; quando aprende, apreende. A riqueza do ensinamento da natureza é proporcional à ação do homem sobre ela; quanto maior a troca com a natureza, tanto maior o processo de intercâmbio entre os homens. A relação entre o homem e o seu entorno é um processo renovado que tanto modifica o homem quanto a natureza.

No exposto o estudioso argumenta sobre a natureza-homem e suas relações ocorridas no arredor, o que também associa a safra da Usina, que tinha um período de seis meses, em os homens da cidade eram admitidos no corte da cana e produção do açúcar, trabalhos pesados e muitas vezes subumanos. Após a temporada da safra, os homens eram despedidos, passando seis meses desempregados, o que coincidia com o período de estiagem e impossibilitava a execução da agricultura nos roçados. Valente (1967, p. 49) ressalta que:

Todas as distorções socioeconômicas, prejudiciais, de modo geral, ao trabalhador da lavoura canavieira em Pernambuco, atingem o camponês de Serrinha. É de supor que sua principal causa esteja na estrutura arcaica na qual repousa o trabalho agrícola, a ela se ligando a falta de compreensão dos proprietários de terras, que não cumprem com as determinações das leis trabalhistas.

As condições de vida e trabalho da comunidade de Serrinha, alarmadas por Valente, denunciam o abandono e precariedade das condições de trabalho vivenciadas pelo homem local, associado ao não cumprimento das leis de amparo trabalhistas. Sem essa renda, os homens tinham que buscar novos meios de trabalho. As mulheres, em contrapartida, através da confecção dos chapéus palha conseguiam ganhos míseros que auxiliavam as famílias nesse período. Esse fato era humilhante para o homem e desconfortável para a mulher. Ao analisar a situação, os viajantes que passavam pelo município começaram a observar a comunidade de Serrinha com aversão e estranheza.

4.2 o apogeu da produção do chapéu de palha, e o surgimento do Paraíso dos Homens e dos discursos pejorativos

No município de Juripiranga sempre foi forte a influência da cultura do chapéu de palha, apesar da sua fraca capacidade de produção e rentabilidade. Atividades tipicamente femininas, heranças culturais dos povos indígenas cariris, desempenhavam um importante papel no episódio do Paraíso dos homens. Na década de 60, os objetos de palha como: chapéus, bolsas, peneiras e utensílios em geral eram muito valorizados, vários compradores viajavam longas distâncias para adquirir o produto e revendê-los. Em Juripiranga, as mulheres praticavam a atividade para conseguir um ganho extra para as suas famílias. Essa prática cultural é de suma importância até a década de 90, mas os avanços industriais e tecnológicos defasaram as atividades artesanais no município. A despeito desse avanço, Santos (1988, p.148) afirma que:

Quanto mais a renda se concentra, mais o consumo dos grupos de alta renda se diversifica e mais inadequada é a evolução do perfil de demanda, tornando evidente uma substituição dos fatores de produção. Os pobres são duplamente desfavorecidos, pois não podem ter acesso aos bens que os empresários consideram rentável produzir, quando, ao mesmo tempo, declina a produção dos bens de consumo corrente.

O presente discurso do autor tem uma multiplicidade de sentidos para a sociedade, a função da cultura, dos hábitos e dos costumes. Nesse caminho, atualmente poucas pessoas se dedicam a confecção dos utensílios de palha. O alto preço do material de confecção e a desvalorização do produto dificultam a realização da atividade. Nas décadas de 50 e 60, a cultura do chapéu de palha viveu o seu apogeu. As mulheres cuidavam dos afazeres domésticos durante o dia e durante a

noite desempenhavam a atividade de artesãos. Aprender a trançar a palha era um ensinamento passado de mãe para filha. Algumas mulheres participavam de “sociedades” e em algumas ocasiões se reuniam em galpões para fazer os chamados “cerão”, ou seja, passar a madrugada inteira trançando a palha e confeccionando artefatos de palhas.

Foto 04: Artesã confeccionando o chapéu de palha em sua residência, em Juripiranga-PB.



Fonte: FERREIRA, Evelyllaine Matias Veloso - 2012

Os produtos eram comercializados em feiras destinadas a venda dos artefatos à base da palha, os chamados “bacurais”. Nesse procedimento, as mulheres acordavam ao amanhecer e, levavam os seus produtos até o ponto de negociação. As feiras eram realizadas nas cidades de Itabaiana-PB (distante 12 km), Itambé-PE (distante 17 km), ou no Distrito de Ibiranga-PE. Na feira, os comerciantes esperavam para realizarem as compras dos produtos no varejo (pequenas compras), como algumas pessoas afirmam: saiam caminhões lotados com chapéus e produtos de palha. Os negociantes adquiriam os produtos abaixo do preço e comercializavam por valores elevados, tornando as negociações lucrativas. Já para as mulheres artesãs, apesar dos valores abaixo da média, completavam o financeiro adequando a renda familiar. Valente (1967, p. 51) afirma que:

Algumas mulheres fazem o comércio direto nas feiras, vendendo os chapéus a preço que oscila entre 15 e 20 centavos (cento e cinquenta

a setenta cruzeiros velhos) por unidade, conforme se trate de palha grossa ou palha fina.

Além do comércio direto nas feiras, há a produção para os intermediários que forneciam a palha. Valente (1967), afirma que a venda do chapéu ao intermediário era realizada à base média de 13 centavos (30 cruzeiros velhos) por unidade, o que evidencia a baixa margem de lucro obtida. A matéria-prima utilizada na confecção dos produtos de palhas de carnaúba era originada do Rio Grande do Norte, comum na região principalmente da cidade de Assú. Caminhões transportavam a palha que seria comercializada no município de Juripiranga, geralmente uma vez por ano de modo que abastecesse os intermediários e as artesãs. Em 1968, o governo municipal em parceria com a ARTENE (órgão subsidiado pela SUDENE) criou uma cooperativa com a função de distribuir o material, apoiar e proporcionar cursos com novas técnicas no desempenho do artesanato. Contudo, não foram criadas condições que proporcionassem o desenvolvimento da atividade, a modernização e a rentabilidade, denunciando o abandono e a ausência de assistência e investimentos. Atualmente a cooperativa está inativa, e há uma quantidade pífia de trabalhos realizados por artesãs locais. Santos (1988, p.35) esclarece que: “[...] em nossos dias, como já vimos, as técnicas são utilizadas em toda parte sem consideração pelos sistemas locais de recursos naturais e humanos e superpostos a realidades econômicas e sociais diferentes”.

Foto 05: Cooperativa de atividades artesanais de Juripiranga-PB



Fonte: ASSIS, Jhonatan Alisson de. Pesquisa de campo - 11/06/2015

No exposto pelo estudioso, é evidenciado as diferentes realidades econômicas e sociais acometidas pelos diferentes tipos de técnicas, fato vivenciado pelos artesãos juripiranguenses onde a evidente ausência de grandes investimentos foi determinante para a não dinamização de suas atividades. Apesar da atividade artesanal do chapéu de palha, não ser rentável, era predominante o seu desempenho pela população feminina, de modo que auxiliava na renda familiar. O homem, em contrapartida, trabalhava na agricultura de subsistência, com a ajuda dos filhos e até mesmo da esposa. No período da safra da Usina Olho D'água trabalhava no corte da cana ou na produção do açúcar e em outras atividades. E haviam aqueles que trabalhavam nas médias propriedades, muitas vezes de modo infra-humano, em quantidades de dias específicos para evitar o pagamento do “repouso remunerado”. Contudo, não trabalhavam na confecção dos chapéus de palha, sobretudo por julgá-la como ocupação específica feminina e que feria o status masculino. Essa justificativa tem sua origem em hábitos sociais indígenas.

A safra da usina só durava seis meses e o período do término coincidia com o tempo de estiagem, esse fato deixava o homem sem nenhuma atividade aparente para realizar, situação frustrante para os moradores locais. A única renda permanente nesse período era a confecção dos artefatos de palha pelas mulheres. “As desigualdades que aparecem caracterizam-se pela combinação de aspectos distintos dos diversos momentos da história do homem” (CORRÊA, 1987, p.43). No exposto, o autor afirma que as desigualdades vivenciadas são frutos dos momentos da história do homem, contexto vivenciado pelos homens de Juripiranga-PB, que viviam na dependência dos períodos de produção das Usinas para usufruírem de uma renda considerável.

Em meados da década de 60 o lugar ganhou o apelido pejorativo de “Paraíso dos Homens e inferno das mulheres”. A cidade de Juripiranga é rota para Recife-PE, João Pessoa e Campina Grande-PB. Muitos viajantes que transitavam pela cidade tomando conhecimento de um possível matriarcalismo, começaram a ver a situação e a passar pela cidade dizendo “deboches”. Esse fato causava revolta à população, que começou a reagir com violência, jogando pedras e rebatendo os xingamentos. Valente (1967, p. 22) afirma:

Serrinha, em vez de Paraíso dos Homens – apelido de significação humilhante, pejorativo, injustamente criado pela malícia de motoristas

e calungas de caminhões, em face da aparente ociosidade dos homens, em contraste com a também aparente ostensiva atividade artesanal das mulheres – bem que poderia ser apelidada, senão de INFERNO, ao menos de PURGATÓRIO, sem exclusivos de sexo e de idade, à espera de resgate.

A equivocada interpretação da ociosidade dos homens no período entressafras, em contraste com o trabalho artesanal realizado pelas mulheres, fizeram com que os viajantes levantassem suposições de uma possível estrutura matriarcal, onde economicamente e socialmente as mulheres eram as únicas “engrenagens” para o mantimento das famílias e da sociedade juripiranguense. Esse fato deve-se a um contexto social machista e excludente que observava o trabalho feminino como um ato de insubmissão aos seus companheiros. A partir do momento que a mulher desempenha funções além de cuidar dos afazeres domésticos, dos filhos e auxiliar o marido nas atividades rurais, há a percepção errônea de uma inversão de valores no papel de líder familiar, do ponto de vista das decisões familiares e sociais, sobretudo no período em que os homens ficavam desempregados devido o término da safra.

Os viajantes passaram a ver a situação com estranheza e aversão. O normal seria que o homem desempenhasse o papel de único gerador de renda e a não participação masculina no artesanato da palha criava revolta e indignação nas análises rápidas dos viajantes, passando a vê-los como fracos, beberrões, preguiçosos, exploradores – quebrando o orgulho e mexendo com o ego da população masculina. As mulheres, em contrapartida, eram vistas como coitadinhas exploradas ou até mesmo como revolucionárias que se negavam a se subordinarem aos seus maridos, sendo hostilizadas e sentindo-se desconfortáveis com a situação. Rebater aos deboches com violência tornou-se uma saída. A situação se agravou de maneira que mesmo no período da safra, em que os homens trabalhavam no corte da cana, os deboches continuavam.

Alguns homens, escondidos, passaram a realizar a atividade de confecção dos utensílios de palha, pois quando eram vistos pelos viajantes desempenhando a atividade, era mais um motivo de deboche. As crianças, independente do sexo, ajudavam as mulheres na confecção dos produtos, o que fazia com que eles estivessem sempre sob a submissão de um adulto, o que também passava a prática artesanal adiante.

A despeito dessa situação, percebe-se a tensão que esses deboches proporcionavam, o homem sentia vergonha e tinha seu ego inflamado, ao ser visto como vagabundo e beberrão. A mulher, por outro lado, não se sentia confortável com a situação. Santos (1988) afirma que o homem é um ser ativo em que sua ação sobre o meio que o rodeia permite as condições necessárias à manutenção da sua sobrevivência. Ao se analisar a situação do Paraíso dos Homens é normal que o homem local se adaptou a situação, seja participando, mesmo escondido, da atividade artesanal do chapéu de palha ou focando em outras atividades. Assim, os acontecimentos foram transformando a história do lugar, que assumiram o papel de testemunhas de maneira fundamental a ser um conceito crítico no contexto da “Serrinha: Paraíso dos homens e Inferno das Mulheres”, dando voz aos significados que afligiram o município de Juripiranga na década de 60.

4.3 A desconstrução do discurso pejorativo

A preocupação com a localização das atividades humanas identificou o espaço com o cenário da ação das sociedades. A contestação aparece em um termo pejorativo cunhado como o episódio do Paraíso dos homens, que desedificava os habitantes locais. A questão em torno de um possível rompimento da estrutura familiar patriarcal despertava estranheza e aversão aos viajantes que transitavam pelo município e realizavam análises prévias do contexto vivenciado pela população, desmoralizando-os. Por muito tempo configurou-se o mito de que em Juripiranga, na década de 60, os homens eram sustentados pelas mulheres no período de término da safra da Usina Olho D’água. Ao se analisar casos peculiares e isolados esse fato pode até ser verídico. Contudo, em sua totalidade, esse discurso pejorativo não corresponde à realidade do lugar. Valente (1967, p. 79) afirma:

O aspecto matriarcal da sociedade de Serrinha, encarado do ponto de vista social e político e mesmo no que se refere ao regime de trabalho, pelo que ele pode representar de superioridade da mulher sobre o homem, não vai além da aparência. Resulta de uma observação um tanto impressionista. E mais que isso: um impressionismo apressado.

Os homens de Juripiranga realmente ficavam em uma situação delicada com o término da safra da Usina Olho D’água. Todavia, como expõe os dados do Planejamento Físico Diretrizes: cidade de Juripiranga, Estado da Paraíba (1967), o

número de homens ociosos, ou seja, em completa desocupação, ou pelo menos economicamente improdutivos é insignificante. Alguns trabalhavam na agricultura como assalariados, em pequenos roçados e em atividades diversas. Valente (1967, p. 79-80) expõe que:

A pretendida ociosidade que parece absorver a quase totalidade da população masculina, observada por visitantes ligeiros, não é mais que o forçado lazer em que ficam os homens, sobretudo lavradores, trabalhando apenas três ou quatro dias na semana [...]

O condenável processo adotado por alguns proprietários, não permitindo que o trabalho semanal seja integral, tinha o objetivo de anular o direito de repouso remunerado aos trabalhadores, o que permitia driblar as leis trabalhistas. Tal ociosidade às vezes era confundida com a incapacidade para o trabalho, sobretudo por causa de doenças como verminoses, amarelão, malária e as doenças causadas por subnutrição. É compreensível que a precariedade das condições físicas masculina, juntamente com a ação dos proprietários de terra para evitar pagamentos previstos nas leis trabalhistas são motivos para a aparente ociosidade detectada pelos viajantes em suas rápidas passagens pelo município.

Nos dias e horas em que não trabalhava no campo, ou em outras atividades, o homem não desempenhava o artesanato da palha, na confecção de chapéus, por julgá-lo inadequado de acordo com o seu status masculino, herança dos grupos nativos. Outro fator é o baixo lucro conseguido com a atividade que não a torna atrativa para a participação masculina, preferindo se dedicar a outras atividades. Do ponto de vista da dinâmica social, sobretudo socioeconômica, não havia nenhum sinal que tirasse o homem de uma figura central sobre as famílias e nas decisões dos grandes acontecimentos. No trato social generalizado, nos hábitos e nas relações entre marido e mulher, destaca-se uma estrutura marital. Vale ressaltar que essa relação não era tirânica e nem havia a negação da importância da mulher na organização familiar e social.

5 JURUPIRANGA-PB PARAISO DOS HOMENS: LINGUAGEM, DISCURSO E ANÁLISE

5.1 Analogia dos entrevistados sobre as antigas funções da cultura do chapéu de palha do espaço pesquisado

Diante de uma sociedade com poucos recursos e auxílios, sobretudo no abandono das forças políticas, Juripiranga vivia na precariedade, refletida na economia, nas condições sociais e estruturais do município. Fato que gerava a dependência das poucas possibilidades econômicas locais, como a agricultura, o trabalho nas usinas e o artesanato da palha, no caso das mulheres. O senhor. Fernando Queiroz (2018) funcionário público, fala que:

Não tinha outra solução né, era essa mesmo de o homem pra fazer alguma coisa, se não quisesse fazer aquela palha, ele tinha que se deslocar pra vagem de Goiana de pés. Ou então se tinha algum animal ia. Mas era uma trajetória perigosa. Lá na vagem de Goiana tinha essas duas usinas, Maravilha e Santa Teresa, mas era muito perigoso na saúde. Quem ia pra lá ficava sem condição né? Aí um carro que vinha de Campina Grande, que o povo chamava a Sopa, na época, todos os dias ele descia pra o Recife e por aí começaram a fazer esse xingamento, sempre passava insultando o povo. Dizem que os homem não trabalhava, que as mulher é que dava de comê os homem. Aí um dia o povo esperou ele na ponte e apedrejaram, puxaram o povo de dentro e tudo. Como o xingamento não parava, o povo xingava também. (18/05/2018).

O deslocamento para outros centros urbanos, durante a década de 1960, era bastante complicado, o que fazia com que a população dependesse unicamente do meio em que vivia muito limitado especificamente dos seus respectivos recursos, como na fala do senhor Fernando, quem tinha algum animal ia nele e, quem não ia a pé. Com o término da safra da Usina, a solução para o homem era desempenhar atividades secundárias como os trabalhos nas médias e grandes propriedades, na produção de barbantes (produção insignificante em mão de obra) ou na agricultura familiar. Não havendo nenhum auxílio governamental. Valente (1967 p. 50) afirma que:

A agricultura em geral, mostra-se decadente, pela falta de estímulos e incentivos, principalmente de financiamento e ajuda técnica, nada se fazendo para combater o grande obstáculo representado pela falta d'água. [...] a cultura principal, como seria de se esperar, é a da cana. Sem a necessária assistência técnico-financeira, pagam os rendeiros foros muito caros, em desproporção com os lucros. Limitam-se a plantar em terras desfavoráveis, desgastadas em seu potencial alimentar, mandioca, feijão, batata doce e milho. Culturas que, em termos de produção, não lhes dão abastecimento satisfatório.

Em contrapartida, a cultura artesanal do chapéu de palha, herança dos povos indígenas, apesar dos baixos valores adquiridos nas vendas dos produtos, representa um modo cultural das mulheres conseguirem certa autonomia financeira, para comprar objetos pessoais ou mesmo complementar a renda familiar. Sobre o

aprendizado da cultura artesanal, Dona Noêmia antes doméstica e atualmente continua com a mesma profissão (2013) diz que:

Eu aprendi a fazê o chapéu. Oush! Muito nova. Na idade de uns 10 anos, mais ou menos, já fazia de tudo. Fazia chapéu de palha, ia pra o roçado. Aí eu fui crescenho e o trabaio foi aumentano cada vez mai. Eu fazia chapéu de palha, trabaivava a semana três cerão. Cerão é a noite toda. Meu marido trabaivava fora, só vinha em casa de oito em oito dia, fazia a fêra dele e eu ficava dento de casa transitano. Aí quando chegava de noite, vamo fazê chápeu de palha. Comigo era assim, não tinha esse negócio que eu vejo hoje, a mocidade tudo de boemia e ainda acha rim (16/11/2013).

Observa-se que a entrevistada conhece toda a história do município desde agricultura aos artefatos da palha de carnaúba na utilizada da confecção do chapéu de palha, e que a suas atividades eram para os artefatos da palha, mas sua vida estava voltada para as tarefas domésticas. A prática de produção dos objetos de palha de carnaúba incorporou-se ao cotidiano da vida de algumas pessoas da cidade, inclusive de Dona Noêmia que foi fundamental na época, mas a contribuição era baixa para a renda da família. A imagem a seguir destaca a forma de como as mulheres trançavam a palha para cconfeções de chapéus.

Foto 06: mulheres trabalhando no trançado da palha



Fonte: MOTA, Diocendir Cordeiro da. 1967.

A situação de desvalorização econômica também atingia a mulher, apesar da aparente estabilidade em sua atividade de trabalho. A atividade artesanal da palha da carnaúba, em que a mulher se ocupava, não resultava mais do que minguados subsídios que pouco ajudava a complementar os meios de subsistência familiar. Ela a executava sem exigências de horários, realizando a atividade como renda extra, onde vendia os produtos, por preços irrelevantes, nos bacuraus ou direto com os fornecedores da palha, que pouco pagavam pelos artefatos. Como afirma Dona Sebastiana, artesã e aposentada, (2013), sobre a atividade artesanal da palha, fala que:

Isso não dá de cumê nem a home, nem a muié. Isso é o jeito. É o povo que é falador. A gente fai isso por distração, pra não tá pelas porta de ninguém. Assim mesmo, dá pra compra um sandalho, uma blusa. Ninguém come disso não. Se eu cumece disso já tava lá no alto (16/11/2013).

Na fala da senhora Sebastiana, fica evidente que a prática de produção dos utensílios de palha de carnaúba não dá sustento nem para o homem como da mesma maneira para mulher e, de que para ela era como um divertimento, para não viver de porta em porta de ninguém. Mas, mesmo assim, dava para comprar algumas coisas. E se desse para se sustentar, estaria em outra posição econômica, possuindo maior poder de compra. O artesanato da palha, ocupação tipicamente feminina, esteve entregue ao abandono, sem nenhum incentivo ou assistência, nada que permitisse o desenvolvimento de melhores técnicas, condições de produtividade e uma maior rentabilidade. Não houve por parte da SUDENE, sequer a tentativa de modificar a matéria prima, valorizando a produção. Valente (1967, p. 57) afirma:

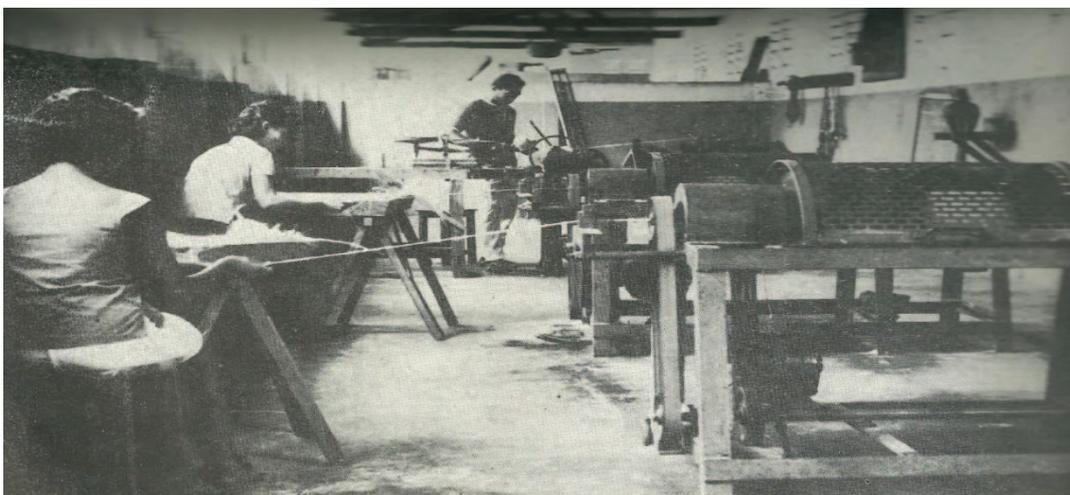
Minha impressão era de que não seria impossível mudar a mentalidade do homem de Serrinha, que encara o artesanato da palha como trabalho peculiar de status feminino. [...] outra coisa, talvez mais importante, deve concorrer para manter o homem ausente da palha: a econômica. Trabalho que pouco rende, não oferecendo motivação econômica para o homem.

O autor deixa claro que o problema está na desvalorização da atividade artesanal que gerava desinteresse na população masculina que preferia se dedicar a outras atividades. O setor comercial do município desempenhava um papel quase insignificante na economia, sendo um reflexo da pobreza preexistente. Não havia dinâmica e os produtos mais vendidos eram os de gêneros alimentícios e a

aguardente que era comercializada através dos comerciantes nos quiosques da feira livre da cidade de Juripiranga.

A estrutura comercial predominante eram as vendas, nas quais a falta de procura por certos produtos específicos desmotivava os comerciantes em diversificar as ofertas. Já no setor industrial, quase inexistente, haviam fábricas de produção de farinha, para consumo interno, e outra fábrica de produção barbante que não passava de um arremedo de indústria, com máquinas que funcionavam à base de eletricidade. A pequena indústria, localizada no Mercado Público da cidade, empregava uma faixa de cinco pessoas e produzia uma média de 10 novelos de barbante, de má qualidade, por dia.

Foto 07: Produção industrial de barbante em Juripiranga-PB



Fonte: MOTA, Diocendir Cordeiro da. 1967.

Na década de 1970, as atividades comerciais e industriais começaram a se dinamizar, fato que desvalorizou a prática artesanal, sobretudo com os novos métodos desenvolvidos pela indústria. Essa dinamização permite aos homens e mulheres maiores possibilidades de emprego e renda. Além da modernização da sociedade, a independência da mulher torna-se comum, fato que faz com que o termo pejorativo, excludente e erroneamente empregado no município (Paraíso dos Homens) caia no esquecimento. Sobre o fim do Paraíso dos Homens, Dona Eurides Pontes, artesã e aposentada, (2018) alega que:

Em 70, o prefeito trouxe uma professora pra cooperativa, chamada Yolanda. Ela ensinou muitos trabalho, colocou também aula de culinária, todo mundo aprendeu. Fazia croché, fazia bordado. As

mulheres passaram a trabalhar na cooperativa, que fornecia a palha e a gente até assinava livro de ponto e o lucro era de sócio. A gente trabalhava até com o sisal, o agave que o povo chama. Aí depois que os prefeito começou a calçar a cidade, porque naquela época era tudo terraplanagem, aí comecaro a trabalha nisso, de pedreiro no calçamento. Mas o fim da safra ainda era complicado, quando tava na safra todo mundo comprava rôpa nova, calçado. Com o mandato dos outros prefeito a coisa melhora. E os homem tinha agora como trabalha o ano todo pra o Paraíso dos Homens parar (18/05/2018).

Assim, pode-se perceber que na fala da senhora Eurides Pontes, de que as novas práticas de ações idealizadas para o lugar traria um novo processo de aperfeiçoamento técnico e aprendizados para as pessoas que se especializaram nas atividades de trabalhos ensinados pela professora. As mulheres passaram a trabalhar no sistema cooperativista nas diversas formas de produção assimilada de acordo com o estudado em aulas. O importante é entender como as práticas de produção socioculturais, diversifica o lugar e de manter relação com outros espaços. Através de tudo isso, as quais se focalizaram na cultura vivida no lugar, no que envolveu o homem e a mulher, o que retoma a questão mais antiga à desconstrução, Serrinha Paraíso dos homens, chegou ao fim.

Com a dinamização das atividades locais, a facilitação do deslocamento para os grandes centros urbanos e a maior oferta no setor de serviços públicos, o Paraíso dos Homens foi cessando. Outro fator de grande relevância é a modernização da sociedade que passa a atribuir à mulher maior representatividade e independência financeira, passando a tratar uma atividade econômica exclusivamente feminina, com a ausência do homem em sua produção, algo normal. Os discursos machistas e excludentes, que evidenciaram a estranheza e aversão nas rápidas passagens dos viajantes pelo município, do homem ocioso e da mulher insubmissa, e que não correspondiam à realidade, foram pouco a pouco sendo esquecidos, integrando parte da história do município e da memória daqueles que o vivenciaram.

5.2 Uma análise econômica e investigativa sobre: a população ocupada no município de Juripiranga-PB

Os discursos excludentes e com valor pejorativo, foram propagados na comunidade de Serrinha devido a intensa participação das mulheres na atividade artesanal do chapéu de palha, juntamente com a aparente ociosidade dos homens,

avaliada nas rápidas passagens dos viajantes que transitavam pelo lugar. Contudo, ao se analisar os dados do Planejamento Físico Diretrizes: cidade de Juripiranga, Estado da Paraíba (1967), em contraste com dados atuais do IBGE, observa-se que a ociosidade é apenas aparente.

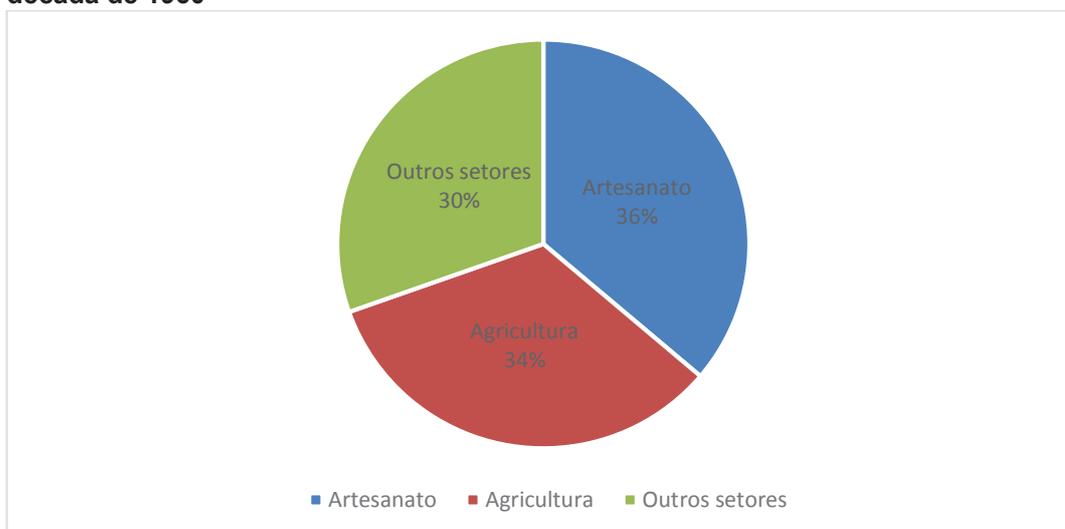
Tabela 01: População ocupada no município de Juripiranga-PB – década de 1960

Especificação	Total	Porcentagem (%)	Gênero			
			Homens	%	Mulheres	%
Agricultura	573	33,4	522	54,5	51	6,71
Comércio	132	7,7	132	12,3	14	1,84
Produção fabril	101	5,9	83	8,7	18	2,37
Artesanato	622	36,2	86	9,0	536	70,61
Serviços públicos	56	3,2	44	4,6	12	1,60
Doméstica	85	5,0	5	0,5	81	10,67
Outros	147	8,6	100	10,4	47	6,20
Total	1717	100,0	958	100,00	759	100,00

Fonte: Planejamento Físico Diretrizes: cidade de Juripiranga, Estado da Paraíba (1967).

Segundo os dados colhidos em um inquérito intensivo que abrangeu todo o setor urbano do município, em 1967 a cidade de Juripiranga possuía cerca de 4.509 habitantes, dos quais 46% eram do sexo masculino e 54% do sexo feminino. A população considerada economicamente ativa correspondia a 39%, taxa mais elevada que a do país e a do estado. Esse fator se deve ao grande número de mulheres que trabalhavam no artesanato da palha, pois das 622 pessoas que desempenhavam a atividade artesanal, pouco mais de 70% eram mulheres. Observa-se que a população masculina empregada representava 55,8% do total e as mulheres representavam 44,2%, onde mais de 70% estavam ocupadas na atividade artesanal. Os homens, em contrapartida, dedicavam de maneira intensiva à agricultura, segundo os dados, o setor representava 54,5% da população masculina economicamente ativa do município. Esses dados expõem que a ociosidade masculina defendida pelos viajantes que transitavam pelo município não correspondia à situação econômica do lugar, sobretudo devido a elevada taxa da população economicamente ativa observada.

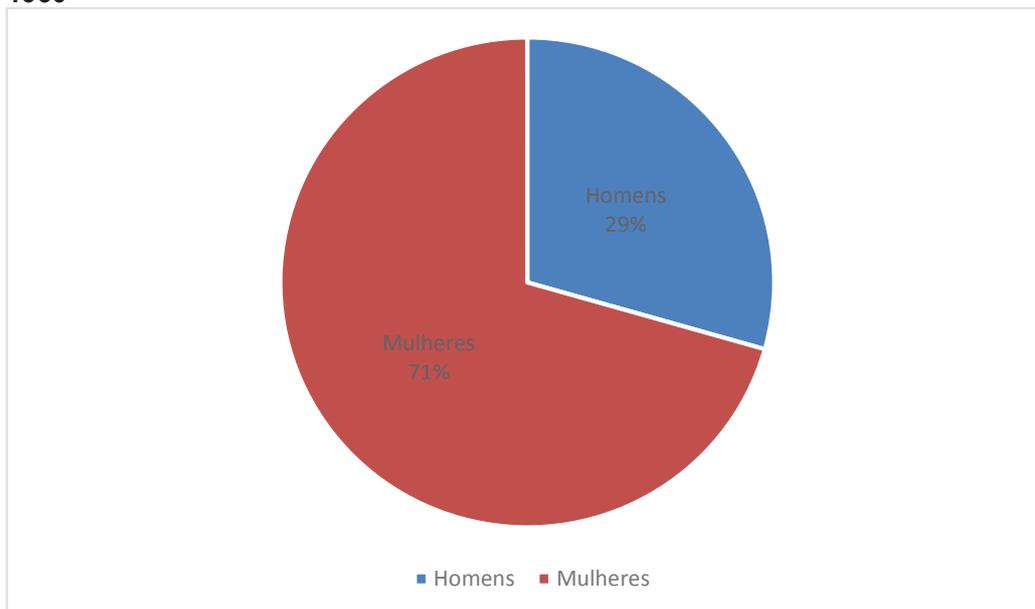
**Gráfico 01: Distribuição das atividades econômicas no Município de Juripiranga-PB-
década de 1960**



Fonte: ASSIS, Jhonatan Alisson de. Pesquisa de campo - 2018

Na distribuição das atividades econômicas do município observa-se a predominância da agricultura, em sua maioria desempenhada pela população masculina, representando 34% da população economicamente ativa, e das práticas artesanais, desempenhadas, sobretudo pelas mulheres, representando 36% da população economicamente ativa. Os outros setores como o comércio, os serviços públicos e a produção fabril, entre outras atividades econômicas, representam 30% da população economicamente ativa, possuindo também grande significância na dinâmica econômica municipal.

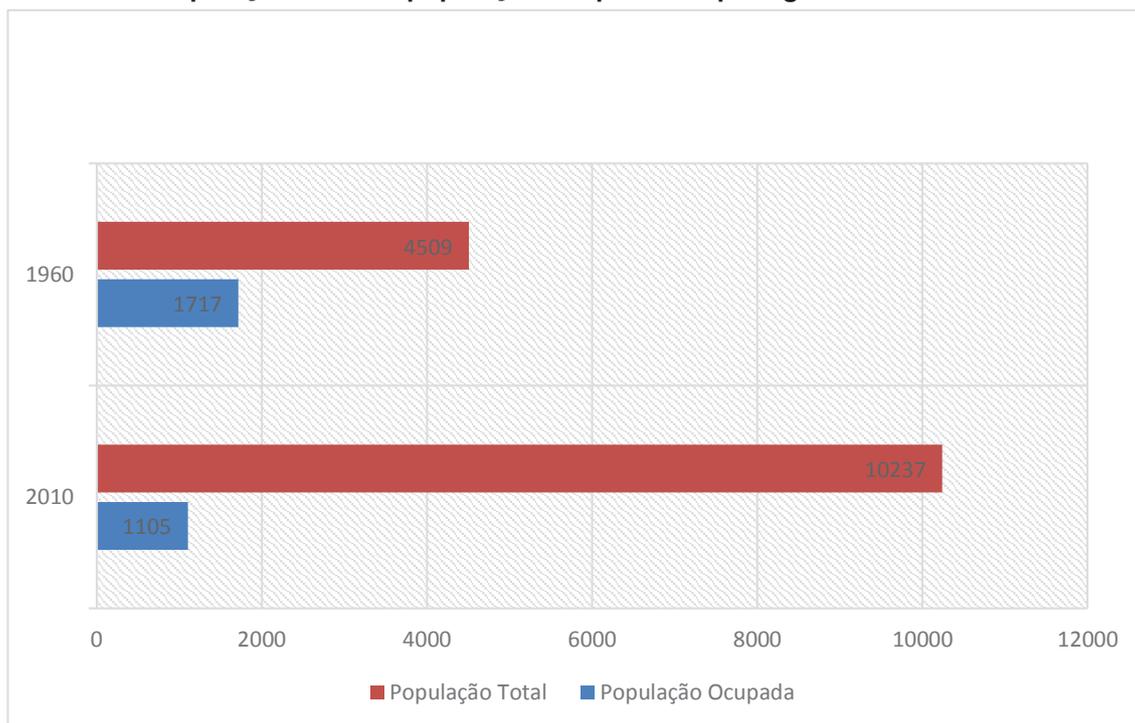
Gráfico 02: Participação por gênero das atividades artesanais em Juripiranga-PB-1960



Fonte: ASSIS, Jhonatan Alisson de. Pesquisa de campo - 2018

No setor do artesanato, destaca-se a intensa participação feminina, sobretudo devido às práticas sociais herdadas dos povos indígenas. Apesar de representar uma parcela considerável da população economicamente ativa. A produção e confecção de chapéus possuem baixa produtividade e rentabilidade, seja nas feiras ou nas vendas diretas aos fornecedores, não conseguindo gerar mais que meros subsídios às famílias locais. A baixa participação masculina, além do fator cultural, deve-se também a baixa rentabilidade. Fator que leva a população masculina a desempenhar outras funções de maior lucro. Vale ressaltar, os baixos investimentos na dinamização e valorização da atividade, sobretudo por parte da ARTENE, órgão subsidiado pela SUDENE.

Gráfico 03: População total e a população ocupada-Juripiranga-PB – 1960 a 2010.



Fonte: **ASSIS, Jhonatan Alisson de. Pesquisa de campo - 2018**

Ao comparar os dados do IBGE (2010) e do Planejamento Físico Diretrizes: cidade de Juripiranga, Estado da Paraíba (1967), observa-se que a população economicamente ativa proporcionalmente diminuiu no município. Representando cerca de 39% de um total de 4509 habitantes em 1967, passou a representar 10,8% de 10.237 habitantes em 2010. Esse fato deve-se à quase extinção do artesanato à base da palha da carnaúba e o declínio da agricultura familiar de subsistência. Atualmente, se destaca no município o setor de serviços públicos, a atividade da produção açucareira, sobretudo na Usina Olho D'água e as atividades comerciais. A elevada taxa da população economicamente ativa em 1967, contudo, permite a interpretação de que tanto os discursos pejorativos da ociosidade da população masculina, quanto as evidências de uma estrutura econômica e social matriarcal, observadas pelos viajantes, não correspondiam à realidade do lugar.

6 CONCLUSÃO

O propósito desta pesquisa é de que oportuna e constitui emaranhados de apropriações sociais das pessoas que permitiram a construção e a identificações de práticas culturais de grupos sociais diversos do município, que versam sobre tema

pesquisado e analisado, como fatos relevantes sobre o Paraíso dos Homens e os xingamentos à população de Juripiranga-PB, na década de 1960. Enfatizando a dinâmica da produção do “espaço material” e do capital, entendido como um sistema de objetos de valores.

A investigação realizada observou os micros espaços urbanos do município e inúmeras formas de produção da palha de carnaúba, destinada a confecções de artefatos de palhas, como exemplo: o chapéu de palha. Tal procedimento, como já demonstrado anteriormente no desenvolvimento do trabalho, que a presença das mulheres nesse tipo de atividade e de que o homem é singularizado por ser xingado pelos transeuntes por ter participação na confecção do chapéu de palha.

A visão machista e excludente da época gerava aversão diante de uma atividade econômica, em sua quase totalidade, desempenhada por mulheres, desde o preparo da palha, à confecção dos chapéus e a comercialização. Em contrapartida, o homem, apesar da instabilidade no período entressafras nas usinas, nunca deixou o seu papel de decisão na família, buscando no âmbito econômico novos rumos, geralmente na agricultura familiar ou propriedades médias. O estilo de produção capitalista foca apenas no aumento de produção e gastos unicamente destinados a mesma. O homem que trabalhava na Usina era descartável e só possuía seu valor no período da colheita, em seguida era despedido, sem possuir nenhum direito trabalhista. Ficava a mercê da situação. Os únicos que realmente lucravam com a situação eram os proprietários da Usina.

O homem além de ser tratado como um objeto sem valia no período em que a safra acabava, trabalhava em atividades paralelas, contradizendo a linguagem do discurso, de que os mesmos eram sustentados pelas mulheres. O fato de na década de 60, em uma cidade interiorana as mulheres possuírem uma renda, a qual, gerou esse discurso. Pois era algo visto com estranheza pelos viajantes que passavam pela cidade. Ver mulheres trabalhando, lucrando com os seus serviços e indo vender em feiras era inimaginável para a época. Homem e mulher desempenhavam uma relação mútua, ambos trabalhavam, conseguiam renda e investiam na família.

Portanto, reunir focos de interesses científicos, no qual, diversificou o objeto de estudo, bem como as análises e discussões feitas por meios da ciência geográfica, através das múltiplas apropriações dos diversos tipos de produção e reprodução que podem servir para o entendimento e a harmonia entre as pessoas na construção de uma sociedade melhor.

ABSTRACT

ASSIS, Jhonatan Alisson de. **JURIPIRANGA-PB PARADISE OF MEN: From the patriarchal family structure the deconstruction of pejorative discourse**. Article (Graduating in Full Degree in Geography - CEDUC - UEPB) - Campina Grande-PB, 2018

The movements of social changes in the course of history reflect in the reality of the socio-cultural space, causing urban problems, which affect mainly the less favored classes. This work has as object of study the Paradise of Men, in the domain of the aspects of greater influence of the possible rupture of the patriarchal family structure in Juripiranga-PB, highlighting which of the elements has relevance in the deconstruction of the pejorative discourse. The exploratory research carried out the collection of materials, through contacts with people who lived the moment in the space researched, through interviews, a bibliographical research was carried out in the search to cover a theoretical construction and observation in loco, carried out the collection of materials. This collection assisted the analysis that explained the phenomenon of the municipality and the relationship between spatial production and local impact, which subsidized the answers to the research questions, through the objectives: to explain the phenomenon of economic activities carried out by families during events of the 60's; to evaluate the importance and repercussion in breaking the social conventions of the man who provides a patriarchal family structure; understand the family base, as social agents that allowed the unfolding of the facts; to deconstruct the myth of the lazy man through the analysis of the contradictions experienced in the municipality, with the observations of how the phenomenon occurred and is described in certain periods of the year and to investigate empirical and historical materials, and the close socio-cultural relationship of the context of the activities of the municipality on the subject studied, is based on the attempt to contradict the pejorative weight of the fact and seek to expose the real facts.

Keywords: Socio-cultural Space; Space Production; Family Base.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Ítalo de Souza. **Como Escrever Artigos Científicos- sem “arrodeio” e sem medo da ABNT**. 6. Ed. Rev. João Pessoa: Editora Universitária / UFPB, 2009.

Centro de Estudos e Planejamento Regional e Urbano. **Planejamento Físico Diretrizes: cidade de Juripiranga, Estado da Paraíba**. Recife. Impr. Universitária, 1967.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. São Paulo: Editora Ática, 1987.

CmJuripiranga. **História de Juripiranga**. Disponível em: <<http://www.cmjuripiranga.pb.gov.br/historia/historia-cidade>> Acesso em 10/06/2015.

FERREIRA, Evelyllaine Matias Veloso. **Análise socioeconômica e cultural relacionada à confecção do chapéu de palha no município de Juripiranga-Pb.** Artigo, 2013

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina.** Santiago-Uruguai: Editora Siglo XXI, 1971.

RAFFESTIN, Claude. Por uma Geografia do Poder. São Paulo: Ática, 1993, p. 269.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado.** São Paulo: Editora Hucitec, 1988.

_____, **A Natureza do Espaço:** Técnica e Tempo, Razão e Emoção. - 4. ed. reimpresso - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. - (Coleção Milton Santos; 1).

-----, Milton. **Por uma geografia nova.** 6ª. Ed., 1. reimpr. São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 2008. – (coleção Milton Santos; 2)

VALENTE, Waldemar. **Serrinha: aspectos antropossociais de uma comunidade nordestina.** Recife. IJNPS – MEC, 1967.

APÊNDICE - A**Modelo de Questionário**

Aplicado aos cidadãos juripiranguenses

1. Nome: _____ Idade: _____

2. Profissão: _____

3. Você já ouviu falar no episódio do Paraíso dos Homens?
() Sim, já ouvi falar. () Não, nunca ouvi falar.4. Se sim, como e o que você já ouviu falar?

_____5. Você acha normal uma mulher sustentar a família, enquanto o homem desempenha outras atividades?
Sim, acharia normal. () Não acharia normal. ()

Por quê? _____

6. Ao passar por uma situação de deboche, devido à situação da pergunta anterior, qual seria a sua reação?

APÊNDICE - B

MODELO DE ENTREVISTA

Aplicado aos cidadãos juripiranguenses que viveram o episódio do “Paraíso dos homens”

DADOS:

Nome:

Idade:

Profissão:

1. O que as pessoas de fora falavam sobre o “Paraíso dos Homens”?
2. Como as pessoas da cidade reagem sobre o assunto?
3. As mulheres se sentiam confortáveis com a situação?
4. Os homens buscavam outros empregos quando a safra acabava?
5. Os homens participavam do artesanato da palha, mesmo que escondidos?
6. Como e quando os deboches foram acabando?